

Conversa epistolar: caos e vida¹

Fernanda Marinho²

Mariano Horenstein³

Córdoba, 9 de agosto de 2022.

Querida Fernanda,

Me toca -me dicen las editoras de *TRIEB*- comenzar este diálogo epistolar. Suerte del jugador visitante, quizás, a quien se le concede esa ventaja. Pues en torno a un tema tan amplio como el del “psicoanalista”, son muchos los ángulos posibles, y elegir uno para comenzar a conversar quizás sea un privilegio inmerecido.

Así que siéntete en libertad para reenfocar el tema como te parezca, y veremos qué sale de este antiguo género -el epistolar- que tantas maravillas ha producido y que hoy parece relegado en medio del tráfico infernal de imágenes, posteos y mensajes limitados a 140 caracteres, por no hablar de la lluvia de emoticones que reducen la riqueza de nuestras lenguas a mera pictografía.

Basta darle una mirada a la correspondencia de Freud -la liminar con Fliess, pero también la que sostuvo con Einstein o su futura mujer, con Jung, Weiss o el pastor Pfister- para conocer la riqueza potencial de un intercambio que remeda por escrito la libertad de la asociación libre, y a la vez permite la morosidad necesaria para que las ideas decanten. Sin pretender compararnos,

1. A correspondência entre os autores foi realizada nos seus respectivos idiomas. Por essa razão optamos por apresentar primeiro a versão na língua original e a seguir a tradução para o português.

2. Médica, psiquiatra, psicanalista. Membro Efetivo com funções específicas do Instituto de Formação Psicanalítica da Sociedade Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ), ex-presidente da SBPRJ, ex-diretora do Instituto de Formação Psicanalítica da SBPRJ, coordenadora do curso sobre a obra de Wilfred R. Bion do Instituto da SBPRJ.

3. Psicanalista, Membro Titular com funções didáticas da Associação Psicoanalítica de Córdoba.

conversemos por escrito acerca de esta figura de la que no hay que perder de vista su novedad: la del psicoanalista.

Digo su novedad porque hasta Freud no existía un personaje así, hoy en día parte del paisaje urbano en las grandes ciudades occidentales. Había, sí, chamanes, hechiceros, hipnotizadores, magnetizadores, terapeutas, curanderos y una serie de personajes que tomaron sobre sí lo que podríamos llamar “cura por la palabra”, pero no psicoanalistas. Ése es un invento moderno, creo, tal como lo es -según pensaba Lacan al menos- el surgimiento de un tipo de lazo social novedoso, el llamado “discurso del psicoanalista”.

Por otra parte, hay poblaciones donde jamás se ha visto un psicoanalista. Pensar en términos geográficos a nuestro oficio -no me gusta decir “profesión”- permite imaginar su difusión hacia regiones donde aún no se ha asentado. Pensarlo en términos históricos nos hace conscientes de que, así como la figura del analista no existió hasta cierto momento, podría también dejar de existir.

Eso quizás le agrega cierta urgencia a nuestra conversación, pues practicamos un oficio frágil, que trabaja sobre una materia frágil -el inconsciente-, y no tiene garantizada su supervivencia. Dependerá, al menos en parte, de cómo actuemos cada uno de nosotros y nuestras instituciones, de cómo reinventemos al psicoanálisis en términos contemporáneos, si merecerá o no ser parte del futuro, si evitaremos convertir al de psicoanalista en uno más en la larga lista de oficios que desaparecieron como el de sastre, relojero, colchonero o deshollinador.

No me imagino que a abogados o médicos o ingenieros se les invite a pensar acerca de su oficio, profesiones que parecieran no requerir explicación. Nuestro trabajo en cambio, precisa ser explicado y fundamentado cada vez (lo cual no es tarea sencilla cuando estamos frente a legos). Al mismo tiempo, se me ocurre, quizás esto no sea una desventaja sino una fortaleza.

No tener garantizada la supervivencia deja un espacio enorme para de-searla, nos impide anquilosarnos, nos devuelve a los psicoanalistas una relación con el riesgo, convierte nuestro trabajo en apuesta. Quizás este intercambio sea una muestra de ello.

Afectuosamente,
Mariano

Tradução

Córdoba, 9 de agosto de 2022.

Querida Fernanda,

Cabe a mim, dizem as editoras da *TRIEB*, iniciar este diálogo epistolar. Sorte do jogador visitante, talvez, a quem se lhe concede esta vantagem. Pois, diante de um tema tão amplo como o do “psicanalista”, são muitos os ângulos possíveis, e escolher um para começar a conversar talvez seja um privilégio não merecido.

Sendo assim, sinta-se à vontade para dar um novo enfoque ao tema, caso lhe pareça necessário, e veremos o que conseguimos com esse antigo gênero – o epistolar – que tantas maravilhas produziu e que parece hoje relegado, abandonado em meio ao tráfego infernal de imagens, postagens e mensagens limitadas a 140 caracteres, para não falar da chuva de emoticons que reduzem a riqueza de nossas línguas a mera pictografia.

Basta dar uma olhada na correspondência de Freud – a liminar com Fliess, mas também a que manteve com Einstein ou sua futura mulher, com Jung, Weiss ou o pastor Pfister – para conhecer a riqueza potencial de um intercâmbio que reproduz, por escrito, a liberdade da associação livre, e, ao mesmo tempo, permite a morosidade necessária para que as ideias decantem. Sem pretendermos nos comparar, conversemos por escrito acerca dessa figura sobre a qual não se pode perder de vista a sua novidade: a figura do psicanalista.

Digo sua novidade porque até Freud não existia um personagem assim, hoje em dia parte da paisagem urbana nas grandes cidades ocidentais. Havia, sim, xamãs, feiticeiros, hipnotizadores, magnetizadores, terapeutas, curandeiros, e uma série de personagens que tomaram para si o que poderíamos chamar de “cura pela palavra”, mas não psicanalistas. Essa é uma invenção moderna, creio, tal como é – segundo pensava ao menos Lacan – o surgimento de um tipo de um novo laço social, o chamado “discurso do psicanalista”.

Por outro lado, há lugares onde jamais se viu um psicanalista. Pensar o nosso ofício – não gosto de dizer “profissão” – em termos geográficos permite imaginar a sua difusão para regiões onde ainda não está assentado. Pensar em termos históricos nos torna conscientes de que, assim como a figura do analista não existiu até certo momento, poderia também deixar de existir.

É possível que isso confira certa urgência à nossa conversa, pois praticamos um ofício frágil, que trabalha sobre uma matéria frágil – o inconsciente – e não tem garantida a sua sobrevivência. Dependerá, ao menos em parte,

da nossa atuação individual e de nossas instituições, de como reinventaremos a psicanálise em termos contemporâneos, se merecerá ou não fazer parte do futuro, se evitaremos transformar o psicanalista em mais um de uma longa lista de ofícios que desapareceram, como o do alfaiate, relojoeiro, colchoeiro ou limpador de chaminés.

Não supponho que advogados ou médicos ou engenheiros sejam convidados a refletir sobre o seu ofício, profissões que pareceriam não requerer explicações. Nosso trabalho, diferentemente, precisa ser explicado e fundamentado a cada vez (o que não é tarefa simples quando estamos diante de leigos). Ao mesmo tempo, ocorre-me que talvez isso não seja uma desvantagem, mas uma força.

Não contar com a sobrevivência garantida abre um espaço enorme para desejá-la, impede a estagnação, oferece a nós, psicanalistas, uma relação com o risco, converte o nosso trabalho em aposta. Este intercâmbio possivelmente é uma amostra disso.

Afetuosamente,
Mariano

Rio de Janeiro, 31 de agosto de 2022.

Querido Mariano,

Fico feliz que lhe tenha sido concedido o privilégio de dar início a essa troca epistolar, só não sei se é uma vantagem, justamente pela amplitude do tema e os infinitos vértices de abordagem, que nos exigem uma escolha, sempre difícil pela liberdade e risco que implica. O que, por sua vez, nos remete à condição de seres sós e dependentes que somos, mas nem sempre queremos ou podemos admitir, buscando todos os meios ao alcance para evadir-nos da realidade. Pois o psicanalista nos lança nessa arena, e em muitas outras, cercando as possíveis saídas, aparentemente em espaço claustrofóbico, mas que, ao contrário, é libertador pelo senso de verdade que evoca. A verdade é o alimento da alma, incognoscível, mas imprescindível! E penso que esse é um dos fatores que exige e nutre a existência do psicanalista.

Passo já à interrogação que você nos faz: conseguiremos evitar que o psicanalista passe a integrar a lista de ofícios que desapareceram? Podemos observar que os ofícios listados são todos passíveis de extinção pelo avanço tecnológico; diríamos o mesmo em relação ao psicanalista? E não só ao psicanalista, mas àqueles que exercem atividades afins e de ancestralidade reconhecida, como os citados por você, xamãs, curandeiros e outros, que partilham conosco elementos fundamentais na “cura pela palavra”: por exemplo, a consideração de um mundo simbólico de representação, apontando para a concepção de um universo manifesto e seu significado latente, e a relação com uma figura constante sugerindo o laço transferencial, ainda que assim não nomeado?

Você evoca a ausência de garantia como algo que propicia o espaço para o desejo e, portanto, algo que nos move em direção ao novo, ao imprevisível, ao inesperado; em direção não só à sobrevida, mas à vida! E esta é um desvio do repouso, do mesmo, da inércia; é movimento, é trabalho, opera mudanças; não somos os mesmos psicanalistas da época de Freud; estamos imersos em uma cultura e não podemos pretender falar de um lugar externo a ela, não somos o ‘olho de Deus’, mas podemos e devemos seguir a tradição de Freud de críticos da cultura. Ouvi de Luiz Áquila, artista plástico, quando conversávamos sobre a ‘crise da Psicanálise’, que, assim como a Arte, a Psicanálise andava na contramão da cultura vigente, pois que esta está voltada para resultados, enquanto a Psicanálise e a Arte são processos, os resultados são subsidiários. Mais uma vez a Psicanálise e a Arte se encontram, pois também a arte nos alimenta com a verdade, toca a fundo a nossa realidade psíquica, nos diria o velho Freud.

Creio que uma grande mudança que observamos no universo psicanalítico, fruto dos tempos atuais, é o retorno à atitude de reconhecimento dos laços sociais que nos constituem, algo a que Freud sempre foi fiel e que, surpreendentemente ou não, perdeu-se nos meandros da dramática história do século XX. Creio que disso poderá depender a nossa sobrevivência, quiçá, a sobrevivência da espécie!

Um afetuoso abraço,
Fernanda

Córdoba, 26 de septiembre de 2022.

Querida Fernanda,

Leo tu carta y me sorprende el tono melancólico que infiltra desde el inicio este intercambio, quizás influido por el contenido -la figura siempre en riesgo del psicoanalista- pero también por el medio en que conversamos, el epistolar. No me preocupa, pues hay toda una tradición que evita pensar la melancolía en términos de psicopatología, imaginándola como una forma de lucidez, de cercanía al carácter efímero de nuestras existencias.

Tú convocas la fraternidad contracorriente entre arte y psicoanálisis, y no puedo estar más de acuerdo en eso. Siempre me ha parecido más fértil pensar al psicoanálisis del lado del arte que desde la ciencia, no siendo sin embargo ni ciencia ni arte, sino un extraño y singular saber de frontera. Pensar nuestro trabajo en términos de artesanía clínica siempre me resulta estimulante.

Tanto al arte como al psicoanálisis se les ha profetizado el fin, y ambos gozan de buena salud aún. Ambos son oficios que suceden al borde de un abismo, siempre frágiles, y al mismo tiempo lúcidos, ambos siempre algo incómodos con esa faceta de práctica liberal, burguesa, que ambos oficios también comparten.

Como dices, el nuestro es un oficio marcado desde su origen freudiano como pensamiento crítico, lo que implica una exigencia ética, y la necesidad de sospechar cuando el psicoanálisis coquetea con el poder. No por nada en esa invención propuesta por Lacan para pensar los lazos sociales, sus cuatro discursos, el Discurso del Analista es el reverso exacto del Discurso del Amo.

Hay ahí un punto candente para pensar, en torno a cuál es el lugar del psicoanalista en sociedades como las nuestras, injustas, enfrentadas, pasionales, divididas, siempre al borde del colapso, del enfrentamiento o la disgregación. Imagino que ambos coincidimos en que la neutralidad analítica ha sido demasiado a menudo pensada como coartada para no involucrarnos en la vida pública, para no emitir opinión, para disimular a veces un conformismo que no está a la altura de lo que nuestro oficio requiere. Cómo intervenir, cuándo y de qué modo hacerlo *en tanto analistas* -más allá de lo que cada uno quiera o pueda hacer en tanto ciudadano- es algo más delicado y difícil de discernir.

Siempre recuerdo algo que decía Roberto Bolaño⁴ En una época -cuenta Bolaño en relación a los escritores, pero creo que se aplica bien a los análisis-

4. Escritor de culto chileno – 1953-2003. Ganador do Prêmio Rómulo Gallegos por seu romance *Os Detetives Selvagens*.

tas- los escritores provenían de cierta aristocracia económica o intelectual, que arriesgaban todo lo que tenían –prestigio, dinero, reconocimiento- para abrazar una disciplina peligrosa. Ésa es la historia de muchos de los iniciadores. Luego, algo se invirtió y la literatura –el psicoanálisis, diríamos nosotros- se convirtió en una práctica que prometía algún lustre o bienestar económico a jóvenes de clase media con aspiraciones de ascenso social. En el medio, algo del espíritu de aventura, de la avidez por el descubrimiento y la disposición a correr riesgos se perdió.

Entonces no estaría mal, para capear el temporal de la crisis y renovar nuestra disciplina diciendo cosas que importen, recostarnos menos en el costado profesional del análisis y recuperar algo de aquel espíritu de los pioneros.

Te mando un fuerte abrazo,
Mariano

Tradução

Córdoba, 26 de setembro de 2022.

Querida Fernanda,

Leio a sua carta e me surpreende o tom melancólico que rega desde o início este intercâmbio, talvez influenciado pelo conteúdo – a figura sempre em risco do psicanalista – mas também pelo meio que utilizamos para conversar, o epistolar. Não me preocupa, pois há toda uma tradição que evita pensar a melancolia em termos de psicopatologia, imaginando-a como uma forma de lucidez, de aproximação ao caráter efêmero de nossas existências.

Você convoca a fraternidade contracorrente entre a arte e a psicanálise, e não poderia estar mais de acordo com isso. Sempre me parece mais fértil pensar a psicanálise do lado da arte que a partir da ciência, não sendo, entretanto, nem ciência nem arte, mas um estranho e singular saber da fronteira. Pensar nosso trabalho em termos do artesanato clínico sempre me parece estimulante.

Tanto a arte como a psicanálise foram profetizadas com um fim, e ambas gozam ainda de boa saúde. Ambas são ofícios que ocorrem à beira de um abismo, sempre frágeis, e, ao mesmo tempo, lúcidas, ambas sempre de alguma forma incômodas com essa faceta de prática liberal, burguesa, que ambos os ofícios também compartilham.

Como você diz, o nosso é um ofício marcado desde a sua origem freudiana como pensamento crítico, o que implica uma exigência ética, e a necessidade de suspeitar quando a psicanálise paquera o poder. Não é à toa que na conceitualização proposta por Lacan para pensar os laços sociais – seus quatro discursos – o Discurso do Analista é o reverso exato do Discurso do Mestre.

Chegamos aqui a um ponto crucial para pensar sobre qual é o lugar do psicanalista em sociedades como as nossas, injustas, desafiadas, passionais, divididas, sempre à beira do colapso, do enfrentamento ou da desagregação. Imagino que ambos concordamos que a neutralidade analítica tem sido com bastante frequência pensada como alibi para não nos comprometermos com a vida pública, para não emitirmos opinião, para dissimular às vezes um conformismo que não está à altura do que o nosso ofício requer. Como intervir, quando e de que modo o fazer como analistas – mais além do que cada um queira ou possa fazer como cidadão – é algo mais delicado e difícil de discernir.

Sempre lembro de algo que dizia Roberto Bolaño. Em uma época, conta Bolaño – referindo-se aos escritores, mas creio que se aplica bem aos analistas

– os escritores vinham de uma certa aristocracia econômica ou intelectual, que arriscavam tudo o que tinham – prestígio, dinheiro, reconhecimento – para abraçar uma disciplina perigosa. Essa é a história de muitos dos pioneiros. Logo, algo se inverteu e a literatura – a psicanálise, diríamos nós – se converteu em uma prática que prometia algum verniz ou bem-estar econômico a jovens da classe média com aspirações de ascensão social. No meio do caminho, algo do espírito de aventura, da avidez pelas descobertas e pela disposição a correr riscos se perdeu.

Então, não seria má ideia, para enfrentar o temporal da crise e renovar a nossa disciplina dizendo coisas que tenham importância, nos acomodarmos menos no lado profissional da psicanálise e recuperarmos algo daquele espírito dos pioneiros.

Te envio um forte abraço,
Mariano

Rio de Janeiro, 21 de novembro de 2022.

Caro Mariano,

Logo ao início de sua resposta à minha carta, aponta um certo grau de melancolia que estaria presente em nossa correspondência, mas não a destituindo de vigor vital, e sim aproximando-a do reconhecimento audaz das impressões transientes que pautam a realidade de nossas vidas.

Creio que, justamente, um outro fator que talvez esteja no âmago desse humor ‘melancólico’, de forma paradoxal, seja aquilo que não passa, insiste em se manter como força inercial, atuante, efetiva, presente, contra toda possibilidade de desenvolvimento, contra o que implique na vivência de mudança catastrófica para o crescimento. Observemos, apesar de todos os esforços civilizatórios empreendidos, os traços de barbárie que se mantêm em nossas organizações sociais; não só na América Latina, mas em todo o mundo – a desigualdade, a fome, a guerra, a indústria de armamentos, a ameaça nuclear!

Você evoca o perigo do psicanalista ser engolido pelo *Establishment*, perdendo assim o aspecto subversivo, revolucionário que define a função psicanalítica e, desde sempre, a psicanálise – a busca do conforto material, na tentativa de substituição ao constante desassossego em que necessariamente somos lançados quando nos equilibramos na brecha, nos aventuramos na falha, na falta, na incompletude, para, por um momento, alcançarmos a sensação de segurança e, logo, nova oscilação, perda, inquietude, desconhecido, novo movimento de integração, criatividade, crescimento, vida! E prazer, prazer pela liberdade de livre trânsito consciente-inconsciente, expansão do universo psíquico, pela emergência do outro que nos inaugura como sujeitos singulares e autônomos e, especialmente, dá lugar a vínculos fraternos e fecundos. Foi-se a melancolia, ainda que aquela ligada à efemeridade de nossas vivências; tem lugar a *Fé*, fé intransitiva, sem objeto – como no romance de nosso grande modernista Mário de Andrade: *Amar, verbo intransitivo*. Sim, porque só tendo como matriz o amor, podemos admitir o crescimento fecundo, criativo, e não a multiplicação quantitativa estéril.

Você interroga sobre a neutralidade do psicanalista, questiona o argumento utilizado para justificar o afastamento dos psicanalistas e das instituições psicanalíticas dos temas sociais e da cultura, tão caros a Freud! Há, creio eu, um profundo mal-entendido a esse respeito, com origem em questões históricas, mas que se perpetuou, a meu ver, por interesses políticos, para atender a determinadas ideologias elitistas dominantes.

A neutralidade proposta por Freud consiste na capacidade de abster-se, na capacidade negativa; segundo Bion, abster-se de memória, desejo, entendimento e sensorio, dando lugar ao 'ato de Fé'; Fé, não em deuses ou demônios, mas na verdade, na realidade última, inapreensível. Por isso mesmo, opõe-se à crença, esta, sim, capaz de ferir a neutralidade analítica.

Nós, analistas, somos seres políticos e, como tal, seres sociais, com formação e prática pautadas pelo humanismo, e, assim, por determinados valores que enraízam a psicanálise: a liberdade, a diversidade, a equidade são alguns deles. Valores estes que implicam em formas justas de organização da sociedade. Acho, portanto, que temos muito a contribuir e a nos enriquecer, se ousamos abrir-nos para reflexões que nos tirem do conforto do familiar, não só do consultório, mas do conhecido, do igual, do estabelecido; que nos lancem ao desconhecido, ao que teima em se manter apartado de nosso psiquismo; se ousamos a curiosidade, e, como você propõe, desprendemo-nos das amarras de um pretense porto seguro para a aventura da psicanálise, a verdadeira psicanálise, voltada para a vida.

Um grande e afetuoso abraço,
Fernanda

Lisboa, 24 de diciembre de 2022.

Querida Fernanda,

Nuestro intercambio se va revelando tan contrario a la instantaneidad que la época parece reclamar... quizás, sin ser conscientes de ello, nos empeñamos en darle a estos correos electrónicos el carácter, el tono moroso de las viejas cartas que iban por vía aérea de un mundo a otro... no puedo pensar en otra razón para la demora que nos lleva responder...

Por esos azares de la vida y el tiempo que llevan nuestros correos en ir y volver, me encuentro en Lisboa ahora, inmerso en la lengua portuguesa, y en la melancolía que traes de nuevo a colación. Escribo en mi notebook y acabo de perder -por un desperfecto del sistema operativo, al parecer- un par de horas de trabajo para un artículo... Me enfurezco un poco, claro, hasta que caigo en la cuenta que solo lo que es capaz de perderse vale la pena. La melancolía, con su afán en aferrar lo perdido sin soltarlo, nos lo recuerda.

Coincido en que, contra toda cursilería, contra toda ceguera imaginaria que siempre se cierne sobre ese término tan meneado -el amor-, contra su ímpetu que es capaz de hacer creer que no hay pérdida alguna al amar, solo el amor salva. Sería impensable un análisis que no sea al mismo tiempo -transferencia mediante- una experiencia amorosa. Y un análisis se revelaría infértil si no tuviera como efecto, como precipitado, una aprehensión amorosa del mundo. Siempre y cuando ese amor, fuerza centrípeta, le haga lugar a esa otra fuerza centrífuga, capaz de desbaratarlo todo, incluso al amor mismo ...me refiero a la del deseo. Pues el amor siempre tiene algo de espejismo y donde creemos dar algo, damos aquello que nos falta; y en quien creemos encontrar lo que nos desvela, al poco andar se revela otra cosa, alguien que huirá de cualquier ideal para aparecer en tanto otro.

Donde el amor amalgama, el deseo apunta al *ágalma*, eso que los griegos adivinaban como objeto misterioso, oculto, que propiciaba los movimientos más insensatos en los amantes. En tanto analistas, somos objetos amados y receptáculos agalmáticos, y lo que nos enlaza con nuestra tarea tiene también algo de amoroso y de deseante (encuentro esa tensión entre amor y deseo más interesante y fértil que la que existe entre Eros y Tánatos, esa antinomia siempre tan cercana a descarrilar hacia la psicología...).

Un psicoanalista precisa abstenerse (en los sentidos que tú recortas muy bien), pero no abstenerse de desear...es más: es alguien habitado por un deseo particular, inoxidable, más importante que cualquier deseo que tenga como

persona, ese deseo que -desde la ausencia misma, recusando cualquier ideal- apunta a la diferencia misma, a hacer de cada quien que se recuesta en su diván alguien único.

...

En medio de mis reflexiones desordenadas, caigo en la cuenta de que hasta el mismo título que aparece en el “asunto” de nuestros correos (“Correspondência **TRIEB**”) engaña ...pues si hay algo claro en nuestra especie es que *no* hay correspondencia alguna, nada encaja del todo... y aun así, ahí vamos.

...

Ahora que voy a apretar la tecla que hará que, como en manos de un viejo cartero, este correo te sea entregado, ya no estoy oyendo portugués en Lisboa. He seguido viajando... un viaje largo y amoroso, el primero de cierto calibre luego del virus que nos hizo imaginar que todo lo que los viajes nos ofrecen podía perderse para siempre. En torno al Mediterráneo, al que rodeo en mi viaje, he caído en cuenta -aún más que antes- que los lugares que importan son los lugares ausentes. Cientos de fieles católicos -faltan horas apenas para la Nochebuena- rinden homenaje a una tumba vacía en Jerusalén, como estaba vacío el Sanctasanctorum del Templo judío, y lo está el Muro a donde los creyentes llegan a lamentarse. Cautiva de esa barbarie a la que aludes, nuestra especie se destroza por lugares, a menudo no por lo que tienen esos lugares sino por la ausencia que los habita.

Entre nosotros, por suerte, esa ausencia se convierte en ingeniería deseante. Un psicoanalista quizás sea una especie de mago -los magos también juegan siempre con la ausencia, con la idea de que las cosas pueden desaparecer- que enseña a hacer un buen uso de la ausencia, que la aprovecha transferencialmente para catapultar a sus analizantes a una vida más amorosa y deseante.

Seguimos... cuando y desde donde se pueda...

Fuerte abrazo y lo mejor para el 2023!

Mariano

Tradução

Lisboa, 24 de dezembro de 2022.

Querida Fernanda,

Nossa troca vai se revelando tão contrária à instantaneidade que a época parece impor... talvez, sem sermos conscientes disso, empenhamo-nos a dar a essa correspondência eletrônica o caráter, o tom moroso das velhas cartas que iam por via aérea de um mundo a outro... não consigo pensar em outra razão para a demora que levamos para responder...

Por esses caprichos da vida e pelo tempo que nossos e-mails levam para ir e voltar, me encontro agora em Lisboa, imerso na língua portuguesa, e na melancolia que de novo você traz à tona. Escrevo em meu notebook e acabo de perder – devido a um defeito do sistema operacional, ao que parece – algumas horas de trabalho para um artigo... enfureço-me um pouco, claro, até que me dou conta de que só vale a pena o que se pode perder. A melancolia, em seu afã de agarrar o perdido sem soltá-lo, não se lembra disso.

Concordo que, contra toda cafonice, contra toda cegueira imaginária que sempre cerca esse termo tão empregado – o amor –, contra todo o seu ímpeto capaz de fazer crer que não há perda alguma ao amar, só o amor salva. Seria impensável a análise que não fosse ao mesmo tempo – por meio da transferência – uma experiência amorosa. E a análise revelar-se-ia infértil se não tivesse como efeito, como um precipitado, uma apreensão amorosa do mundo. Desde que esse amor, força centrípeta, dê lugar a essa outra força centrífuga, capaz de perturbar tudo, inclusive o próprio amor... refiro-me à do desejo. Pois o amor sempre tem algo de miragem e, onde pensamos dar algo, damos aquilo que nos falta; e, em quem acreditamos encontrar o que se nos revela, logo algo mais é revelado, alguém que fugirá de qualquer ideal para, em seguida, aparecer outro.

Onde o amor amalgama, o desejo aponta para o ágalma, isso que os gregos adivinhavam como objeto misterioso, oculto, que propiciava os movimentos mais insensatos nos amantes. Enquanto analistas, somos objetos amados e receptáculo agalmáticos, e o que nos liga à nossa tarefa tem também algo de amoroso e desejanter (considero essa tensão entre amor e desejo mais interessante e fértil do que aquela que existe entre Eros e Tãtatos, essa antinomia sempre tão perto de descarrilhar para a psicologia.

Um psicanalista precisa abster-se (nos sentidos que você precisa muito bem), mas não se abster de desejar... mais ainda: é alguém habitado por um

desejo particular, inoxidável, mais importante do que qualquer desejo que tenha enquanto pessoa, esse desejo que – a partir da ausência mesma, recusando qualquer ideal – aponta para a diferença mesma, que faz de cada um que se recosta em seu divã alguém único.

...

Em meio às minhas reflexões desordenadas, me dou conta de que até mesmo o título que aparece no “Assunto” de nossos e-mails (“Correspondência TRIEB) é enganoso... pois se há algo claro em nossa espécie é que não há correspondência alguma, nada encaixa de todo... e, ainda assim, sim, seguimos.

Agora que vou apertar a tecla que fará com que, como nas mãos de um velho carteiro, este e-mail lhe seja entregue, não estou mais ouvindo português em Lisboa. Segui viagem... uma longa e amorosa viagem, a primeira de certo porte desde o vírus que nos fez imaginar que tudo o que as viagens oferecem poderia ser perdido para sempre. Em torno do Mediterrâneo, que rodeio em minha viagem, me dei conta – ainda mais do que antes – de que os lugares que importam são os lugares ausentes. Centenas de fiéis católicos – faltam poucas horas para a Véspera de Natal – rendem homenagem a uma tumba vazia em Jerusalém, como estava vazio o Sanctum Sanctorum do Templo judeu, e como o está o Muro aonde os fiéis vão para lamentar-se. Cativa dessa barbárie a que você alude, nossa espécie se destrói por lugares, muitas vezes não pelo que esses lugares têm, mas pela ausência que os habita.

Conosco, por sorte, essa ausência se transforma em engenharia desejante. Um psicanalista talvez seja uma espécie de mágico – os mágicos também jogam sempre com a ausência, com a ideia de que as coisas podem desaparecer – que ensina a fazer bom uso da ausência, que a aproveita transferencialmente para catapultar seus analisandos rumo a uma vida mais amorosa e desejante.

Seguimos... quando e onde pudermos...

Forte abraço, e o melhor para 2023!

Mariano

Rio de Janeiro, 9 de janeiro de 2023.

Querido Mariano,

Suas primeiras palavras nos remetem à atemporalidade do inconsciente e à expressão nostálgica de nossos desejos.

Não há dúvida de que a nostalgia facilmente nos captura: até muito recentemente o entorno familiar se surpreendia com as minhas idas ao correio para a compra de selos. Cartas eram a forma que encontrara e mantinha para matar a saudade e trazer ainda junto a mim duas pessoas queridas, que estiveram presentes muito próxima, ativa e intimamente por longo tempo em meu lar. Acho que algo da satisfação sensorial do manuseio do papel, da abertura ou fechamento do envelope, da forma da letra, singular e única, aguçava os sentidos da presença, dando um sabor de genuíno encontro. Para nós, analistas, importam os fenômenos não sensoriais, e por isso precisamos abster-nos da sensorialidade – só assim poderemos ouvir o grito em um sussurro, ou ver a palidez em um rubor. Talvez por isso, nesses tempos de análise virtual, sintamos que carecemos da presença para a nossa prática: talvez a sensorialidade presencial seja uma das condições para a sustentação da não sensorialidade do vértice psicanalítico. Talvez seja abstenção em demasia o que a virtualidade nos impõe, e acabemos por encontrar outras vias de escape que comprometem a função psicanalítica. São ideias que me ocorreram, nesse momento mesmo, em assunto muito novo e ainda desconhecido...

Compreendo a sua fúria momentânea, despertada pela perda, mas que, penso, logo encontra o alvo inimigo nesses instrumentos tecnológicos que não dominamos, que nos soam estranhos, adquirindo qualidades anímicas ameaçadoras e, a um só tempo, familiares. Lembrou-me um conto de Julio Cortázar, que nos põe de pronto, em descrição vívida e contundente, frente a um personagem envolvido em luta desesperada com um suéter que tenta vestir, quando este adquire vida própria, escapando a suas tentativas infrutíferas de domínio. Mas você logo volta à dimensão da perda, resgatando a capacidade criativa, esse movimento contínuo, em espiral, entre caos e integração, que permite o surgimento do novo. E que define a atitude mental do psicanalista em sua função analítica.

Você aponta justamente para a falta como motor das relações humanas, onde se pode contrastar amor e desejo, necessários e complementares.

Ocorrem-me os vínculos definidos por Bion⁵, L, H e K (siglas derivadas de love – amor; hate – ódio; e knowledge – conhecimento), que constituiriam o núcleo da transferência, a função psicanalítica se dando sob a égide do vínculo K. Conhecimento, não como posse do saber, mas como disposição emocional de vir a conhecer, sempre voltada para o novo, o desconhecido, aquilo que falta; e tendo como fatores L e H, a capacidade para o amor e para o ódio. Ao falar de capacidade para o amor, acresceria capacidade para a verdade e a compaixão.

Creio que poderíamos pensar, em analogia à Fé - tal como referi em carta anterior -, o desejo do analista como verbo intransitivo. Parafraseando Mário de Andrade, “Desejar, verbo intransitivo”, sem objeto, pura abertura para a emergência do desejo do outro, para o outro como ser desejanter!

A falta, ou frustração, é o que move o pensar. Precisamos visceralmente do encontro, mas, também, do desencontro que há em todo encontro. Como você diz, não há correspondência absoluta entre o desejo e a satisfação: há sempre um resto, algo insaturado que impulsiona a vida mental, a criatividade.

Assim como a nossa ‘correspondência’, deixando sempre a desejar...

Curioso, expressão esta, em geral, de cunho depreciativo, mas que ganha neste momento um contorno auspicioso, arauto de novos caminhos e possibilidades!

Feliz 2023!

Um grande e afetuoso abraço,

Fernanda

Tradução de Tomás Brena Sertã

Tomas.serta@gmail.com

Fernanda Marinho

fernandamarinho@gmail.com

Mariano Horenstein

mmhorenstein@gmail.com